



APONTAMENTOS EM TORNO DA REVISTA LITERÁRIA
SUL-RIO-GRANDENSE *ARCÁDIA* (1867-1870)

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

RESUMO:

O texto aborda um dos principais periódicos literários sul-rio-grandenses do século XIX, a *Arcádia*, que circulou entre 1867 e 1870, ao longo de quatro séries, nas cidades de Rio Grande e Pelotas, localizadas ao Sul do Rio Grande do Sul. O empreendimento jornalístico teve papel importante na consolidação da literatura sulina, pois em suas páginas foram publicados poemas, romances, contos, crônicas, peças de teatro, críticas e artigos que conformam os primeiros passos do Romantismo e do Regionalismo em solo gaúcho, assim como noticiam a visão social progressista da revista, que por muitas vezes insurgiu-se, em suas páginas, contra a escravidão. Também havia, no órgão de imprensa, uma preocupação associativa, para que a iniciativa de Antônio Joaquim Dias, diretor-proprietário, não sucumbisse ante um ambiente cultural, àquela época, tímido. A *Arcádia* nunca mereceu da crítica especializada brasileira e sul-rio-grandense um estudo global, pois apenas tópicos específicos foram mapeados; deste modo, a intenção, aqui, é apontar e comentar os principais elementos em torno da existência da revista.

Palavras-chave: *Arcádia*. Periodismo literário. Literatura do Rio Grande do Sul. Século XIX. Crítica literária.

A *Arcádia* (1867-1870) pode ser considerada, metaforicamente falando, como uma ponte que liga os primeiros empreendimentos gaúchos do gênero jornalístico-literário – *A Rosa Brasileira* (1851) e *O Guaíba* (1856-1858) – e os que se seguiram – *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (1869-1879), *Murmúrios do Guaíba* (1870) e *Corimbo* (1883-1943)¹. A revista localiza-se entre as primeiras tentativas de mesclar imprensa e literatura na província, algumas canhestras, como da *Rosa*, outras com

¹ Sobre *Murmúrios do Guaíba*, ver a minha dissertação de Mestrado, *Literatura e imprensa em Porto Alegre: a revista Murmúrios do Guaíba (1870)*, defendida na PUCRS, em 2000. Sobre *O Guaíba, Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* e *Corimbo*, ver a minha tese de Doutorado, *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*, também defendida na PUCRS, em 2005. Sobre *A Rosa Brasileira*, ver meu ensaio *Precedência malograda: A Rosa Brasileira, o primeiro jornal literário do Rio Grande do Sul?*, na revista *Navegações* (Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2015, p. 75-81).

algum sucesso, caso d' *O Guaíba*, e os três periódicos que a sucederam, acima citados, os quais aproveitaram, em suas páginas, algumas das práticas da *Arcádia*: vinculação ao Romantismo, Indianismo-Nacionalismo e Regionalismo; diversificação temática; publicação de manifestações de crítica literária; aproveitamento dos escritores locais; nítido posicionamento político-ideológico, vinculado a um ideário progressista, republicano e antiescravocrata; recuperação da história da província, em especial os acontecimentos do decênio farroupilha.

A *Arcádia* teve quatro séries, todas depositadas na Biblioteca Rio-Grandense, na cidade de Rio Grande/RS. A 1ª série foi impressa na Tipografia do *Diário do Rio Grande*, de Antônio Estêvão & Cia.; a partir da 2ª série, a impressão dava-se na Tipografia da *Arcádia*, de Antônio J. Dias.

Publicada inicialmente em Rio Grande, a 1ª série começa em maio de 1867, tendo como subtítulo “Jornal ilustrado, literário, histórico, biográfico etc.”. A 2ª série tem início em fevereiro de 1868, mudando a forma de se intitular: “Jornal consagrado à literatura”. A 3ª série abre provavelmente em novembro de 1868 (o texto final da 2ª série está datado de 27 de outubro de 1868)². Por fim, a 4ª série inicia-se em 1º de agosto de 1869; aqui, há mudanças no subtítulo, que passa a ser somente “Jornal literário”, e também na disposição gráfica das matérias, em colunas, semelhante a um jornal. A partir de 31 de janeiro de 1870, a redação transfere-se para Pelotas³, pois o proprietário e editor da revista, Antônio Joaquim Dias⁴, para lá se mudara, anunciando inclusive, nas páginas da *Arcádia*, a fundação de um novo periódico diário na cidade vizinha, o *Jornal do Comércio*. Estende-se a 4ª série até 13 de junho de 1870, momento em que Dias comemora a publicação das 300 páginas da 4ª série, número aliás de todas as outras séries, totalizando 1.200 páginas. Ainda neste último número, em texto intitulado “Até que

² As quatro séries estão encadernadas, como se fosse um livro, reunindo cada uma 300 páginas, o que impede a clareza, muitas vezes, sobre o número ou a data das publicações, com exceção da 4ª série, em que estão preservados os dados relativos à numeração e data. Por isso, quando houver referência ao material das 1ª, 2ª e 3ª séries, registra-se apenas a página; da 4ª série, indica-se também o número. A 1ª série tem dois volumes repetidos depositados na instituição.

³ Na edição de 16 de janeiro de 1870 (n. 25, p. 200), há um “Noticiário”, avisando que a em breve será inaugurada, na cidade vizinha de Pelotas, uma folha diária, o *Jornal do Comércio*, motivo pelo qual a *Arcádia* mudaria para a vizinha cidade, a fim de “satisfazer completamente o compromisso em que estamos para com os nossos favorecedores, a quem, supomos, não prejudicar com esta resolução” (p. 200). Com efeito, na edição seguinte, de 31 de janeiro de 1870, (n. 26, p. 201), já aparece Pelotas no frontispício, sem nenhuma outra alteração em sua parte gráfica. Assim, das 1.200 páginas totais dos quatro volumes, apenas as 100 últimas da 4ª série são editadas em Pelotas.

⁴ Em geral, assinava-se como A. J. Dias. Português, veio jovem para o Brasil, atuando ao longo da vida na imprensa e na literatura em Rio Grande e Pelotas, em especial por meio da criação dos periódicos *Arcádia*, *Jornal do Comércio* e *Correio Mercantil*. Teve atuação decisiva na fundação da Biblioteca Pública Pelotense. V. CESAR (1971, p. 166-167).

enfim!” (4ª série, n. 44, p. 297-298), o editor-chefe anuncia a suspensão da revista, devido às inúmeras dificuldades que assolam a produção e a manutenção de um periódico dedicado às letras, ainda mais em cidades localizadas no interior da província:

Está completo o número de 300 páginas da 4ª série da *Arcádia*.

Está completo!

Estas duas palavras saem-me d’alma como o suspiro que rebenta do coração ao termo de uma longa e enfadonha jornada, cheia de peripécias e desgraças.

E publicaram-se quatro séries do periódico literário *Arcádia*!

Quatro séries!

Aos materialistas, horrorizará semelhante verdade; aos literatos admirará, e a mim, que não sou nem uma nem outra cousa, enche de verdadeira satisfação.

Realmente, é um triunfo; – devo ser o primeiro a dizê-lo.

Na verdade, desde o começo de circulação Dias alertara para as dificuldades do empreendimento, como se vê no editorial do primeiro número, “Ao público” (1ª série, p. 5-7):

Nesse infundo caminho das letras, tenebroso e cheio de terríveis peripécias, onde a cada passo surgem embaraços, embaraços que só imensa força de vontade poderá inutilizar; onde, assim mesmo, os espinhos, nunca flores, aqui e ali surgindo como por encanto, constituem-se agudos punhais ferindo a coragem e penetrando té à própria alma.

No encerramento da 1ª série, em artigo intitulado “O diretor da *Arcádia*, ao público” (p. 299-301), o proprietário demonstra mais entusiasmo, acreditando na consolidação da literatura em solo gaúcho, conforme o excerto deixa entrever:

A infantil literatura rio-grandense, em seu berço de ouro, é embalada pelos sábios e estudiosos propagadores das letras. E ela crescerá tão depressa como o arbusto que zelosamente é cuidado.

Haja perseverança no trabalho.

A importância da *Arcádia* para quem estuda periodismo literário radica-se em pelo menos dois aspectos: o fato de ser uma revista essencialmente dedicada à literatura e a sua longevidade, já que quatro anos, numa época de jornais efêmeros, constitui-se em tempo apreciável. Estes itens serviram de inspiração para que uma série de outros periódicos posteriores tomassem, no Rio Grande do Sul, o caminho da imprensa literária, inclusive o Partenon Literário, importante agremiação artístico-social de Porto Alegre com quem a *Arcádia* teve estreita ligação. Antônio Joaquim Dias estampava informações referentes à nova instituição desde os seus primeiros passos, sem contar que vários membros da sociedade porto-alegrense colaboraram com a publicação rio-grandina, tais como Bernardo Taveira Júnior e os irmãos Aquiles e Apolinário Porto Alegre.

Neste sentido, uma notícia que ganha relevo ainda na 2ª série é “Panteon Literário” (p. 153-154), que começa com a frase de Gonçalves de Magalhães: “A civilização de um

povo avalia-se pela sua literatura”. Após, A. J. Dias comenta a fundação de um grêmio literário na província sulina, mais especificamente em Porto Alegre: o Panteon Literário (como se vê, há um equívoco, pois o texto faz alusão, na verdade, ao Partenon Literário), um clube para estimular a inteligência, tendo como líder Apolinário Porto Alegre. Há ainda outras notícias sobre o Partenon e transcrições de discursos, ao longo das outras séries da *Arcádia*, como em 8 de agosto de 1869 (4ª série, p. 13), em que há a reprodução do ementário da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, de junho de 1869, com um comentário em torno do primeiro aniversário da sociedade fundada um ano antes, em 1868.

Isso mostra que Dias acreditava na associação de pessoas interessadas em assuntos artísticos e humanísticos, como antídoto à paralisia cultural do Rio Grande do Sul do século XIX. É assim que, ao longo dos anos, ele vai comentar sobre a importância das associações, com o intuito de fortalecer o sistema literário incipiente da cidade e da província, como se vê na nota “A fundação de um clube literário, instrutivo e recreativo” (1ª série, 1867, p. 107-108), em que A. J. Dias comenta que à cidade do Rio Grande “parece estar destinado um brilhante lugar nas eminências da civilização”; para tanto, uma instituição que seja literária, instrutiva e recreativa precisava ser criada. A notícia dá conta que o clube teria aulas de francês, inglês, música e escrituração mercantil, além de haver, em uma noite por semana, leitura e discussão de argumentos e temas sobre literatura; por fim, a nota aponta o próximo 7 de setembro como data provável da primeira assembleia. Como se verá adiante, essa primeira reunião teve a sua data postergada.

Na 3ª série, várias notas e textos, de A. J. Dias e Artur de Lara Ulrich, dão conta da movimentação em torno da necessidade de criação do Grêmio Literário Rio-Grandense; noticia-se, por exemplo, uma reunião no dia 9 de novembro de 1868 na casa de Carlos Eugênio Fontana. Depois, ainda na 3ª série (p. 185-199), reproduzem-se os discursos proferidos na instalação do Grêmio, finalmente ocorrida no dia 4 de abril de 1869, quase dois anos depois da primeira menção da necessidade de sua criação, respectivamente por: Sr. Dr. Frederico Bier, presidente da sociedade; Sr. Telêmaco Bouliech, 2º secretário; Sr. José Vicente Thibaut, 1º secretário; e A. J. Dias, sócio. Surpreendentemente, no entanto, pouco mais de quatro meses depois, em 29 de agosto de 1869 (p. 33), Dias comenta que a sociedade destinada ao cultivo e ao progresso das letras estava extinta, pelo menos tendo em vista os princípios que animavam a maior parte dos seus membros: “Quão penosa e curta lhe foi a existência!...”. Sem deixar claros os

motivos da dissensão, o autor fala em traição e em ataque político para que fosse dilapidado o que até ali fora construído.

Esta preocupação de Dias com a reunião de pessoas interessadas na literatura, por meio de clubes culturais, seja pelo relato que acontecia no Partenon Literário (veja-se a nota de 31 de janeiro de 1870, 4ª série, n. 26, p. 201, em que é listada a diretoria recém-eleita do cenáculo porto-alegrense), seja pelo penoso caminho vivenciado na discussão, criação e dissolução do Grêmio Literário Rio-Grandense, indicia a trajetória incipiente do meio cultural sulino, que necessitava da reunião dos escritores em grupos, de modo a não dissipar ainda mais os poucos escritores e leitores de um sistema literário que ainda estava em formação. As notícias divulgadas ao longo das séries do periódico apontam para a importância que o diretor dava ao caráter associativo dos interessados em literatura, como um meio fundamental de desenvolvê-la e divulgá-la.

Outro aspecto que chama a atenção, na *Arcádia*, é o grande número de textos de caráter analítico, aspecto já marcado por Carlos Alexandre Baumgarten em seu livro *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do Romantismo ao Modernismo*. A *Arcádia* foi o veículo pioneiro, na província, a se preocupar com a crítica literária, dando guarida a esse tipo de manifestação em suas páginas; neste sentido, o primeiro texto de cunho crítico da história da literatura do Rio Grande do Sul, “Divagações”, de F. C. de Bulhões Ribeiro, foi publicado na 1ª série (1867, p. 33-36):

Embora incipiente, o artigo de Bulhões Ribeiro coloca em discussão temas intensamente debatidos pela crítica literária sul-rio-grandense da segunda metade do século passado, como é o caso da questão envolvendo a nacionalidade da literatura brasileira e sua relação com a literatura portuguesa. (...) Nesse sentido, cabe ao ensaio de Bulhões Ribeiro a primazia de inaugurar a crítica literária no Rio Grande do Sul, instaurando o debate em torno do ideário romântico que iniciava seu percurso na Província. (BAUMGARTEN, 1997, p. 67-68)

Os textos críticos da *Arcádia* são fundamentais para a compreensão da trajetória da literatura sulina, por terem a preocupação em refletir sobre os caminhos já trilhados até aquele momento e as veredas a serem percorridas futuramente pelas literaturas brasileira e sul-rio-grandense. Além disso, os comentários promoviam a discussão de obras e autores do momento; no caso de romances e peças de teatro, essas impressões de leitura constituem uma maneira de capturar o sentimento da época quanto à abordagem da temática das obras, permitindo, especialmente, constatar quais eram os critérios estéticos valorizados pelo crítico em suas análises.

A partir do texto pioneiro de Bulhões Ribeiro, vários serão os textos publicados em torno da argumentação crítica, biográfica ou bibliográfica, ressaltando um tópico, um

livro ou um escritor. Abaixo, alguns desses exercícios críticos, a fim de exemplificar esse tipo de material, assinado ora por autores sulinos, ora por articulistas de outras províncias:

. “Cláudio Manuel da Costa” (1ª série, p. 167-170), comentário sobre o poeta arcádico, por A. J. Dias;

. “*O demônio do lar*: drama em 5 atos” (1ª série, p. 171-174), comentário sobre o drama de Carlos Augusto Ferreira e José Felizardo Júnior, apreciação de autoria de P. A. do Vale (São Paulo);

. “Os dramas *Madalena* e *A opinião pública* por Carlos Augusto Ferreira e José F. Júnior” (1ª série, p. 249-251), comentário sobre os dramas, em especial sobre o primeiro, por U. do Amaral (São Paulo);

. “Impressões de leitura – *Diva*. Perfil de mulher” (1ª série, p. 264-268), comentário sobre o romance de José de Alencar, por Carlos de Andrade (São Paulo);

. “Esboço de um artigo: a poesia há de morrer – falta de gosto pela poesia” (2ª série, p. 22-27), por ***;

. “Nossa literatura” (3ª série, p. 5-7), espécie de introdução ao terceiro volume da *Arcádia*, em que o redator A. J. Dias faz comentários sobre o estado da literatura nos dias que corriam;

. “Gil Vicente e o teatro português (fragmento dum livro inédito)” (3ª série, p. 116-118; p. 141-143; p. 155-157), transcrição de J. C. Fernandes Pinheiro;

. “Poetas e poesia (crítica?)” (3ª série, p. 82-86; p. 273-275), por Glodomiro Paredes;

. “A literatura no Rio Grande” (3ª série, p. 129-132), por Antônio Maria Pinto;

. “Movimento literário na província” (4ª série, n. 1, p. 3-4; n. 7, p. 51-52), por Menezes Paredes;

. “Reflexões sobre a literatura rio-grandense” (4ª série, n. 2, p. 9-10), por Bernardo Taveira Júnior;

. “*Mulher e mãe*, drama pelo Sr. Eudoro Berlink” (4ª série, n. 29, p. 218; n. 30, p. 221-223; n. 31, p. 225-226; n. 32, p. 229-231; n. 33, p. 233-235; n. 34, p. 237-238), por Bernardo Taveira Júnior; interessante observar o seu começo: “A crítica literária ainda não existe em nossa província. Sem ela, nunca a nossa literatura poderá florescer com vantagem, porque ela, a verdadeira crítica, é para as letras o que o orvalho é para as plantas” (p. 218);

. “Brasileiros ilustres – Esboços biográficos: Manuel Antônio d’Almeida” (4ª série, n. 32, p. 231-232; n. 37, p. 257-258), por Vítor Valpério;

. “Perfis rio-grandenses: Taveira Júnior”, por Vítor Valpério (4ª série, n. 38, p. 262-263; n. 39, p. 272-273; n. 40, 277-278; n. 42, p. 291-292; n. 43, p. 293-294; n. 44, p. 298-299).

Por outro lado, na 2ª série, há um conjunto de textos que chama a atenção pelo seu teor curioso: “O Rio Grande no ano 2000”, de autoria do pseudônimo Viana-Castelense, publicado ao longo de quatro números da revista (p. 149-150; p. 164-165; p. 235-236; p. 277-278). A data marcada ao fim de cada parte é “Rio Grande, 1868”; terminado o quarto texto, aparece “Fim da 1ª parte”, dando a entender que o material continuaria, o que não se confirma nas demais páginas da *Arcádia*.

Nos textos, o autor relata um sonho que teve, em um agosto em que Rio Grande estava sitiada, após muitas chuvas, pelas águas das lagoas que a circundam. Na visão, o narrador relata a sua chegada, em um “destes monstros marinhos que a moderna arquitetura levantou para encurtar distâncias” (p. 149), no porto da cidade, bastante modificado em sua estrutura e com muitos mais navios a vapor do que no século XIX, em que a navegação a vela era o mais comum. Ao desembarcar no cais, à noite, o narrador maravilha-se com a iluminação a gás, perfeita, harmoniosa e distribuída equanimemente por todas as vias.

Amanhece, e um transeunte ajuda o viajante do passado, mostrando-lhe a cidade nova, com largas ruas arborizadas, jardins floridos e soberbos edifícios, erguidos fora do antigo traçado da municipalidade, com destaque para o prédio novo do tribunal, frontado por uma representação diferente da justiça: nesta estátua, reformulada mais de acordo com os novos tempos, a justiça não é mais cega nem carrega uma balança na mão, mas inexorável com o crime e possuidora de um olhar penetrante, sustentando na mão uma espada desembainhada e calcando figuras horrendas – a hipocrisia, o suborno, o estelionato, o cinismo e o peculato. Ao mesmo tempo, seu braço estendido protege a probidade, a honestidade, a integridade e a orfandade. Ante tal visão, o narrador não se contém e exclama: “Têmis⁵ desvendada e livre! se assim fora no meu tempo!” (p. 236). O texto termina com a ida do viajante do tempo e do seu cicerone a um “vastíssimo reservatório de água potável” (p. 278), localizado em frente à estação de trens. O narrador, incrédulo com o volume hídrico que a edificação comporta, dado o terreno arenoso da cidade, pede explicações ao amigo, que conta que tal caixa-d’água, com capacidade para 1 milhão de litros, era abastecida por um manancial da vizinha Pelotas, por meio de um

⁵ Filha de Urano e Gaia, Têmis é a deusa, na mitologia grega, que personifica a justiça e a lei.

sistema de tubulações, ora aéreo, ora subterrâneo, a fim de suprir as necessidades dos 100 mil habitantes da cidade naquele momento.

O curioso relato flagra a cidade rio-grandina em uma data que sempre mobilizou o ser humano, 2000, 132 anos, portanto, à frente do momento da escrita, 1868. Sem o caráter de uma ficção científica distópica, as principais mudanças e inovações na crônica são sempre positivas, embora modestas, dando-se na estrutura do porto e do cais; na largura das ruas, com uma vasta vegetação a enfeitá-las; na iluminação pública; na representação da justiça e na questão da distribuição da água encanada, sendo este último quesito, talvez, o exercício de “futurologia” em que o autor mais chega próximo da realidade atual – interessante assinalar que, na época de escrita do texto, estavam sendo dados os primeiros passos em termos de saneamento básico no Brasil. Entretanto, não se observa exatidão no número de moradores da cidade por volta do ano 2000, pois a previsão de Viana-Castelense chega somente à metade do que hoje é a população rio-grandina: cerca de 200 mil habitantes⁶.

Por meio da visão de um presumível futuro, o autor quer, na verdade, pela comparação, fazer uma série de críticas à cidade no presente (1868), como a sujeira; a má iluminação e a impossibilidade de se caminhar nas ruas à noite; a justiça lenta e falha. O curioso é que muitos dos problemas constatados no século XIX e resolvidos na ficção, continuam a assolar, na vida real, tanto Rio Grande, como as demais cidades brasileiras.

O órgão dirigido por Dias destaca-se também pelo fato de que as primeiras composições de cunho regionalista da literatura sul-rio-grandense, desde o cancionero gaúcho, talvez tenham sido estampadas nas páginas da *Arcádia*. A vertente campesina, depois, dominará boa parte da produção sulina até o final do século XIX, atravessando o século XX de ponta a ponta, com altos e baixos, e ainda com rendimento na literatura, na música e na cultura do Rio Grande do Sul do século XXI, às vezes com tons renovadores, às vezes com elementos conservadores.

Sobre esse tema, um poema tipicamente encomiástico aparece na 2ª série, “Rio Grande” (p. 193-195), de S. S. S., assinado no Paraguai, em Paré-Coé, 1868. Composto de nove estrofes de dez versos cada, todos em redondilha maior, o poema traz um discurso grandiloquente que revestirá, posteriormente, muitas das produções ditas regionalistas ao longo da literatura sul-rio-grandense; aqui, a farta adjetivação realça a liberdade, a coragem e a altivez do rio-grandense, que combate sempre qualquer tipo de tirania:

⁶ No final da década de 1860, Rio Grande tinha “14 mil almas”, como aponta um texto de 5 de setembro de 1869 (4ª série, p. 41), acerca da Sociedade Promotora da Emancipação de Escravos.

Terra dum povo guerreiro,
De glórias tradicionais,
Mostra altivo ao mundo inteiro
Que tens bem poucos rivais;

Em 1869, já na 4ª série, pelo menos dois poemas, ambos pentassilábicos, são dignos de nota, “Canto do campeiro”, de Apolinário Porto Alegre (n. 5, p. 38), e “Rio Grande do Sul”, de Bernardo Taveira Júnior (n. 8, p. 62), cujas primeiras estrofes, respectivamente, estão reproduzidas abaixo:

Canto do campeiro

Avante, ginete
Dos campos do sul!
Quem pode contigo,
Que, afeito ao perigo,
A sanha do imigo
Não temes, taful?
Avante! Galopa
Num bom galopar;
Os laços e bolas,
Ferinas pistolas
Já fiz preparar;
Avante, ginete,
Num bom galopar!

Rio Grande do Sul

Altiva amazona
Das plagas do Sul –
Mimosa safira,
Num límpido azul –
Fanal de primores,
De ternos amores,
Brilhando gentil –
Teu nome reboa,
Nas serras ecoa
Do imenso Brasil!

Enquanto a primeira composição volta a sua atenção para uma personagem específica do cenário sul-rio-grandense, qual seja, o campeiro (ou seus sinônimos: “gaúcho”, “tropeiro”, “monarca das coxilhas”, “centauro dos pampas”), a segunda preocupa-se em cantar e elogiar não uma figura, mas o espaço sulino. Note-se, no poema de Apolinário Porto Alegre, o adequado uso do metro curto, no sentido de que os versos sincopados simulam o galope de um cavalo, animal fundamental na relação estabelecida com o gaúcho.

Assim como o Regionalismo, igualmente outro tópico fundamental para o Romantismo brasileiro, o Indianismo, marca o periódico, em especial pela publicação, na 4ª série, das *Poesias americanas*, de autoria de Taveira Júnior, antes da reunião dos dez poemas em livro, pela Tipografia da *Arcádia*, em 1869. Já na 3ª série, Lobo da Costa tem

estampado o poema “O índio” (p. 79-80), em que o discurso do silvícola reveste-se de um tom épico, entrecruzado pelo elemento lírico, como a reprodução da primeira, da quinta e da última estrofes, do conjunto total de nove quadras, deixa entrever:

Sou índio atrevido, criado nas matas
Ao som das cascatas d’arbórea soidão...
Cresci embalado por brisas fugaces,
Tingi minhas faces da cor do canhão!
(...)
Nas noutes mimosas, ao brilho d’estrelas,
Ao canto das belas, no longo sertão...
Ai... quantas doçuras tão longe do mundo,
Se calam no fundo do meu coração!
(...)
Sou índio atrevido, de faces tostadas
De noites doiradas, de sonho fagueiro,
De toda essa taba de tribos morrudas,
De setas agudas – eu sou o primeiro!

A questão da servidão negra aparece ao longo de todas as séries da revista, mostrando o caráter progressista de seu diretor e dos articulistas que colaboravam com a publicação. É o caso do longo poema “O escravo”, de Fernando Osório (2ª série, p. 60-62), em que o mote religioso de combate à escravidão dá o tom da composição, como pode ser visto em sua última estrofe:

É que Deus odeia a escravidão!
Entre nós deve haver toda a igualdade
Em cada coração, por entre as carnes
Escrito deve estar – FRATERNIDADE! –

A reprodução, na íntegra, de “O navio negreiro – Tragédia no mar”, de Castro Alves, reforça esse caráter libertário do periódico (4ª série, n. 43, p. 295-296), assim como vários textos espalhados em suas páginas, como “Sociedade Promotora da Emancipação de Escravos” (4ª série, p. 41-42, de A. J. Dias), vinculada à Sociedade Acácia, em que se relatam ações com o fim de combater a escravidão, como “a sua primeira festa de liberdade no glorioso dia 7 de Setembro, em o paço da Câmara Municipal, quebrando os ferros da ignominiosa opressão, a uma ou duas escravas, conforme suas posses” (p. 41). Outro destaque é o texto “Libertação dos escravos”, de J. I. Arnizaut Furtado, publicado em oito partes, de 8 de agosto até 31 de outubro de 1869, defendendo um império brasileiro livre do trabalho servil.

Afora a parte literária, a revista ainda diversificava suas temáticas, com, por exemplo, textos de caráter científico, conforme o termo era entendido na época, como na 1ª série, “Cura do *cholera-morbus*”, pelo médico Dr. Carlos Eugênio Marchand (p. 277-278), ou, na 3ª série, “Astronomia descritiva”, por Nicácio T. Machado (p. 113-115; p. 137-141). Também aspectos históricos ganhavam espaço, em publicações seriadas ao

longo de vários números: “Apontamentos para a história da revolução da província do Rio Grande do Sul (1835-1845)”, por Spartacus, e “Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande, desde o descobrimento e fundação até a presente data”, por Carlos Eugênio Fontana, ambos na 1ª série. Na 2ª série, por sua vez, editou-se a coleção “Documentos sobre a revolução desta província – 1835-1845 (coligidos)”.

Além dos autores já citados, outros nomes locais se fizeram presentes na *Arcádia*, publicando contos, romances em série (por exemplo, *Lampírio*, de Apolinário Porto Alegre, é publicado na forma de folhetim), peças de teatro e críticas literárias: Zeferino Vieira Rodrigues Filho, Antônio Ferreira das Neves, Carlos Augusto Ferreira, Frederico de Villeroy, Francisco Antunes Ferreira da Luz, Aurélio de Bittencourt e Fernando Osório, entre outros. Estas publicações inéditas dividiam espaço com reproduções de autores internacionais e nacionais, como na 4ª série, com o drama em cinco atos *Os salteadores*, de Schiller, na tradução de Arno Ernst, que teve a sua publicação iniciada em 3 de outubro de 1869 (n. 10, p. 73), estendendo-se por vários números, embora tenha ficado incompleta, ou a poesia “A cruz”, de Fagundes Varela, também na 4ª série (n. 24, p. 189).

Por tudo isso, ainda está para ser feito um estudo mais detalhado do periódico editado sucessivamente em Rio Grande e Pelotas, o qual merece, em caráter definitivo, ganhar um lugar no mapa da cultura do Rio Grande do Sul. A importância da *Arcádia* não fica restrita somente ao século XIX, já que a sua atuação no campo artístico-social foi, com certeza, um dos esteios que sedimentaram os caminhos futuros da então nascente literatura sulina.

Referências

ARCÁDIA. Rio Grande; Pelotas: Tipografia do *Diário do Rio Grande*; Tipografia da *Arcádia*, 1867-1870. 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS, 1997.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.